

Literacias Tradicional e Informática

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Director da ELECTRICIDADE

São do conhecimento público os resultados de um recente estudo nacional de literacia, que impregnou a linguagem vulgar com este neologismo: **literacia** significa a capacidade de interpretar textos escritos na vida quotidiana. Elaborado entre a população dos 15 aos 64 anos, o estudo mostra que mais de metade dos portugueses não consegue fazer essa interpretação eficazmente. Daí a fragilidade da dinâmica nacional, já que a actual sociedade se baseia na escrita como instrumento de aquisição e transmissão dos conhecimentos desenvolvidos, proporcionando assim um efeito gerador de riqueza com máxima produtividade. De facto, a quantificação apresentada é elucidativa do fraco nível de desenvolvimento em que nos encontramos, a par de tantos outros indicadores confirmativos: 73% da população portuguesa tem menos de seis anos de escolaridade, 17% revela-se com analfabetismo funcional, 70% não lê praticamente livros.

Repare-se que estes números se referem à actual situação, aliás dramática, quanto à **literacia tradicional**: aquilo que se costuma chamar "capacidade de ler e escrever", subentendendo que a interpretação na leitura ou na escrita é consequente do próprio acto praticado. A importância deste objectivo era bem notória na antiga "escola primária". A passagem para o "ensino básico", ao sabor das modernas experiências peda-

gógicas, veio subalternizar essa finalidade instrumental personalizada a favor de um raciocínio oral, sobretudo assente no diálogo ou discussão colectiva. Entretanto, a juventude deslocou as suas apetências para a representação gráfica, menos matematizada (abstracta) e mais estética (concreta). Entrou-se no encantamento das cores e do movimento, o video e os multimedia, com desvalorização e desprezo pelas palavras escritas em agrupamentos de frases completas e coerentes entre si. A morfologia desvaneceu-se e a sintaxe degradou-se, enquanto as facilidades de acesso geral à informação limitaram as disponibilidades de tempo de cada pessoa. E o esforço pela leitura nos tempos livres reduziu-se drasticamente, chegando a invadir o próprio exercício das profissões. Os profissionais requerem cada vez mais sínteses objectivas e vão atrás de sumários executivos, descuidando a análise em profundidade, as interpretações alternativas, a discussão criativa, a crítica estimulante e o gosto pelas boas leituras ou deliciosas escritas. Prefere-se "ver", assimilando por fora (pela forma), a "compreender", ou ver por dentro (pelo conteúdo). O discurso societal resvalou para a superfície e aí desliza em inebriações virtuais, talvez a caminho de uma segunda escolástica na evolução histórica da humanidade.

Hoje vive-se na era de intensificação das tecnologias de informação. E nasce a

literacia informática: capacidade de ler e escrever no computador utilizando a compreensão. Trata-se de uma forma diferente da literacia tradicional, que obriga a introduzir os computadores no ensino básico, como nova forma geral de ler e escrever. De contrário, o uso do computador ficará reservado a uma elite, à semelhança do que aconteceu nos primórdios da escrita com os clérigos e escribas. Mas não faz sentido dividir a sociedade em duas classes: uma tecnologicamente sofisticada e outra sem capacidades para enfrentar a sociedade de informação, uma de letrados que sabem utilizar racionalmente o computador no trabalho ou no lazer e outra de iletrados que mal conseguem ler passivamente ou não são capazes de escrever activamente nos periféricos computacionais. Quer dizer, a informática tem de se banalizar na vida quotidiana. E assim as tendências de generalização da multimédia, seguida da realidade virtual daqui por cinco anos, irão dar nova dimensão à literacia: não basta saber "ler e escrever" em sentido tradicional; é necessário "ler e escrever" informaticamente, ou seja, dominar a leitura e escrita com as múltiplas possibilidades interpretativas que o computador permite. Desta maneira, as capacidades totais são bastante mais ricas. Mas ao englobar a literacia tradicional na literacia informática aumentam as dificuldades de assimilação: o ensino e a aprendizagem tor-

nam-se bem mais difíceis. Portanto, a evolução tecnológica reforça o perigo da ileteracia aumentar entre os portugueses.

Na verdade não há estatísticas sobre a população dos 15 aos 64 anos que se enquadra na literacia informática. Estamos convictos, porém, que a situação é bem pior que a revelada para a literacia tradicional, pois aquela assente sobre esta. Quantos engenheiros haverá que lêem e escrevem bem no papel e não sabem utilizar o computador para ler e escrever segundo as metodologias de multimedia? Quer se queira, quer não, a ileteracia computacional não será menos funesta à sociedade, no futuro, que a ileteracia tradicional. Na realidade, a competitividade entre povos, principalmente num mundo sem fronteiras, obriga a que ambos os aspectos da literacia sejam considerados entre os indicadores do desenvolvimento civilizacional, como testemunho da capacidade de responder aos desafios a que as sociedades humanas vão ficar sujeitas.

Embora a análise efectuada tenha âmbito global, será essencial inserir ambas as literacias nas preocupações do ensino de engenharia e da formação profissional dos engenheiros. E note-se que se os jovens licenciados escrevem agora pior que antigamente, é bem certo que dominam o computador como instrumento estimulante ao desenvolvimento da leitura e escrita no paradigma electrónico. □